

2

ANAIS LEIRIENSES

estudos & documentos



ANAIS LEIRIENSES

estudos & documentos

2

SETEMBRO DE 2019

 Hora de ler



Título: ANAIS LEIRIENSES - estudos & documentos - 2

Editor: Carlos Fernandes

Coordenador Científico: Saul António Gomes

(Professor Associado com Agregação do Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Conselho Consultivo: Cristina Nobre, Isabel Xavier, J. Pedro Tavares, João Bonifácio Serra, João Pedro Bernardes, Luciano Coelho Cristino, Mário Rui Simões Rodrigues, Miguel Portela, Pedro Redol e Ricardo Charters d’Azevedo

Concepção e arranjo da capa: Gonçalo Fernandes

Colecção: ANAIS LEIRIENSES - 2

 **Hora de ler**

© Hora de Ler, Unipessoal Lda.

Urbanização Vale da Cabrita
Rua Dr. Arnaldo Cardoso e Cunha, 37 - r/c Esq.
2410-270 LEIRIA - PORTUGAL
e-mail: horadelercf@gmail.com
Telef.: 244212003 - Tlm: 966739440

Facebook: https://www.facebook.com/Hora-de-Ler-2263586547021316/?modal=admin_todo_tour

Revisão e coordenação editorial: Hora de ler

Montagem e concepção gráfica: Hora de ler

Impressão: Artipol

1.ª edição: Setembro 2019

Edição 1018/19

Depósito Legal: 454238/19

ISSN: 2184-4135

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

Afonso Lopes Vieira e a elite universitária

Cristina Nobre*

Afonso Lopes Vieira fez-se e fez a sua obra à medida de uns quantos valores estéticos transformados em valores absolutos de afirmação de uma poética própria: a da alma da nação ou portugalidade. Com essa crença firme, a única que parece nunca o ter abandonado, mesmo durante as grandes crises depressivas que atravessou, o escritor podia ter sido um admirável pedagogo.

Foram essas qualidades de intelectual, acima de todas as contingências epocais, que a própria Universidade de Coimbra quis utilizar em benefício do ensino, embora a lentidão de todos os processos burocráticos tenha impedido a concretização condigna de alguns projetos que poderiam ter trazido a Lopes Vieira um sentido de vida diferente, mais projetivo. Como professor, o escritor encontraria discípulos que continuassem os



Afonso Lopes Vieira



Eugénio de Castro

seus desígnios e, sobretudo, o libertarismo do penoso isolamento em que viveu os últimos anos de vida.

Se as relações de Lopes Vieira com a universidade, sobretudo a de Coimbra, mas também a de Lisboa, nunca se chegam a perder – o poeta mantém a amizade com Eugénio de Castro, diretor da Faculdade de Letras; profere a conferência “Camões em Coimbra”, em 2 de junho de

* Professora Coordenadora de Literatura Portuguesa no IPL.

1915, (a convite da Associação Académica, representada por Horácio Menano), onde pela primeira vez lança a ideia de um monumento a Camões no Jardim Botânico, daquela cidade; recebe um diploma em fevereiro de 1925, assinado pelos Drs. Mendes dos Remédios, Simões Ventura e Joaquim de Carvalho em que lhe é reconhecido o “*Liberalium Artium Praeceptores Conimbrigensis Universitatis Clarissimo Viro D. Dr. Affonso Lopes Vieira*”¹.

Em 1926, o Dr. Mendes dos Remédios (então ministro da Educação Nacional, e um dos principais impulsionadores da criação de cursos de férias) convida-o para integrar o número dos conferencistas para os “Cursos de Férias” desse ano, numa missiva datada de 4 de julho e guardada no espólio da Biblioteca Municipal de Leiria [BML]:

[...] O grupo de Professores que dirige os *Cursos de Férias* lembrou-se do seu prestigioso nome para ser incluído entre os dos nossos Conferentes deste ano. Plena liberdade de tema e de escolha do dia — compreendido entre 20 de julho até fins de agosto. Quere dar-nos essa honra e esse prazer? [...] (BML, Cartas [...], vol. VIII)

Em 1933, colocam-lhe a hipótese, recusada pelo escritor, de reger a cadeira de “Estudos Camonianos” na Faculdade de Letras. Esta hipótese é colocada pelo Professor José Maria Rodrigues [JMR], na sequência do “caso” da cadeira de Estudos Camonianos, de que JMR é afastado por limite de idade². Lopes Vieira interessa-se imenso por esta questão, melindrosa para o amigo, e escreve para o ministro da Instrução³, João de Deus Ramos, justificando a sua recusa em pertencer ao Conselho Superior de Instrução enquanto o caso da disciplina de “Estudos Camonianos” não estivesse resolvido com a única solução possível – a manutenção do Prof. JMR, já



Mendes dos Remédios



José Maria Rodrigues

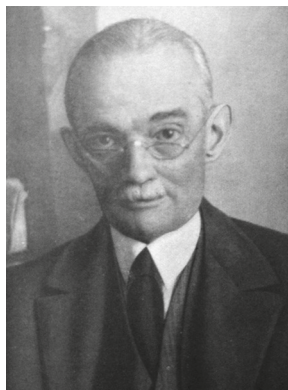
¹ Esse documento encontra-se no espólio da BML.

² E de que pode ler-se abundante e interessante correspondência no vol. IX das *Cartas [...]* na BML).

³ O rascunho, a lápis, desta carta, faz parte do espólio da BML, e conserva-se em 2 folhas de bloco de notas, metade de A2, sem nenhuma datação [A119, n.º 33617] (transcrito no II vol. da tese de doutoramento de Cristina Nobre, parte II, 9., p. 228).

que a sua saída compulsiva implicaria a extinção da cadeira de Camões em Portugal. Seria vantajoso investigar capazmente esta questão, provavelmente relacionada com a recusa de ser o próprio escritor a reger a cadeira. A propósito da recusa de Lopes Vieira, Agostinho de Campos escreve-lhe uma carta, datada de 29 de julho de 1933, onde comenta:

[...] Ótima ideia, a dêle [JMR], escolhendo-o a V. p. seu sucessor nos “Estudos Camonianos”. Mas compreendo bem q. V. se escusasse, porq. lhe falta a *praça* de lições e horários, além do hábito de aturar homens, colegas, fauna muito mais difícil que a de rapazes e alunos. [...] (BML, *Cartas [...]*, vol. XI)



Agostinho de Campos

Um ano depois, em 21 de setembro de 1934, JMR escreve a Lopes Vieira, ainda com esperança na viabilidade da hipótese:

[...] Eu estou certo que de futuro não existirão os motivos que lhe não permitiram vir este ano ao Curso de Férias da Faculdade. § Em um dos próximos anos, segundo me informaram, será o meu amigo encarregado de reger durante um ano a cadeira de Estudos Camonianos. [...] (BML, *Cartas [...]*, vol. XIII)

A Universidade de Coimbra oferece-lhe uma série de obras editadas pela sua Imprensa⁴; em 1939, o Dr. Providência e Costa pede-lhe para inaugurar o Curso de Férias da Faculdade de Letras com uma lição, em carta datada de 15 de junho:



José Maria Rodrigues na casa de Afonso Lopes Vieira, em São Pedro de Muel

⁴ A listagem dessas obras encontra-se no espólio da BML, está datada de 5 de dezembro de 1939, é constituída por 2 fs. dactilografadas e vem assinada pelo Reitor.

[...] Ha anos que surge entre nós a ideia de lhe pedir o favor de inaugurar o nosso Curso de Ferias com uma lição. Temos tido sempre receio de o incomodar. Mas êste ano, esperançados em lhe poder oferecer uma pequenina récita portuguesa no nosso teatrinho, sempre me atrevo a dirigir-lhe o pedido, em meu nome e no dos meus colegas. § Poderia escolher como tema o assunto que quizesse. [...] (BML, Cartas [...], vol. XIV)

Idêntico pedido de colaboração já se tinha feito sentir noutras ocasiões⁵, e da qual há notícias concretas em 1942; o Dr. J. Pereira Dias, em carta datada de 11 de dezembro de 1942, esclarece o escritor sobre o tipo de colaboração que a Faculdade de Letras pretende, onde se sente a eminência de um ligeiro atrito com o Dr. Providência e Costa sobre as condições das conferências:

[...] O Dr. Providência e Costa disse-me que houve, na verdade, equívoco do Dr. Rebêlo Gonçalves à cerca da forma que a Fac. de Letras deseja dar à colaboração de V. Ex.^a – equívoco explicável pelo conhecimento imperfeito que êste nosso colega tem ainda da vida interna da Univ. de Coimbra. Duas conferências isoladas, proferidas no ambiente pomposo da Sala dos Capelos “perante as autoridades civis, militares e eclesiásticas”, não teriam o carácter elevado – digamos mesmo, afectuoso – que a Fac. pretende dar à colaboração de V. Ex.^a Esta intenção só pode traduzir-se pelo convite para um ciclo de lições, proferidas numa sala de aulas da faculdade “perante professores e estudantes”. Será nestes termos o convite oficial de que o director da Fac. vai ser portador dentro de poucos dias. [...] (BML, Cartas [...], vol. XII)

Efetivamente, no vol. XIV, encontra-se uma carta datada de 17 de dezembro de 1942, endereçada pelo Dr. Providência e Costa, onde o convite é renovado, e fica a promessa de o fazer pessoalmente: “[...] não devia adiar por mais tempo o convite oficial que tive o prazer de lhe dirigir em nome da minha Escola e de que logo após as festas de Natal quero renovar pessoalmente em Lisboa [...]”.



Providência e Costa

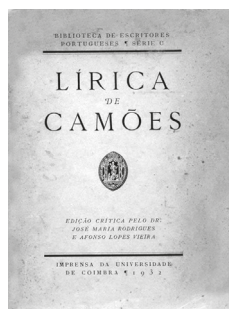
Em 1940, a Universidade tinha recebido com entusiasmo a ideia de um monumento a Camões. Em carta datada de 1 de

⁵ Na BML, vol. XIII de *Cartas [...]*, numa carta não datada, mas que deve ser de 1935 ou 36 (a fazer fé numa certa ordenação cronológica que sistematiza a correspondência contida neste volume), o Dr. Mário de Albuquerque agradece uma conferência pronunciada em S. Pedro de Moel, dentro da organização dos Cursos de Férias, o que demonstra como o escritor conseguia fazer deslocar a

fevereiro de 1940, em papel com o timbre da Universidade de Coimbra, o Dr. João Pereira Dias diz:

[...] Os rapazes dirigentes da Associação Académica, numa reunião a que assisti, receberam com vivo entusiasmo a ideia do monumento a Camões; e o Senado Universitário, em sessão de hoje, aplaudiu-a e deu aprovação à escolha do local. § [...] § Nas conversas que tive hoje com o Reitor e com o Presidente da Associação Académica, ficou assente que a circular seja assinada pelo Dr. Antonio de Vasconcelos, como presidente de honra da comissão organizadora, por V. Ex.^a, como representante dos antigos estudantes, e pelo Presidente da Associação Académica, como representante dos actuais estudantes. [...] § V. Ex.^a há-de perdoar ao autor da circular a referência – aliás muito justa – ao seu nome; mas êle escreveu-a antes de se assentar nos nomes que haviam de subscrevê-la. [...] (BML, A113, n.º 33412)

Nesse mesmo ano o escritor é convidado a estar presente numa sessão solene comemorativa das Cortes de Coimbra (1211) e da Formação da Universidade (Lisboa, 1290; Coimbra, 1308), juntamente com Augusto de Castro e Malheiro Dias⁶; em 1941, é convidado a assistir às comemorações da abertura do ano letivo de 1940/41 na Universidade de Coimbra⁷ – a verdade é que, depois dos 50 anos (quando a sua colaboração com o Professor JMR se efetivara na edição de *Os Lusíadas*, de 1928 e na *Lírica de Camões*, de 1932), Lopes Vieira vai receber mais provas de um certo reconhecimento institucional por parte da Universidade.



Esse teria sido seguramente um projeto aliciante para o escritor que, nos últimos 18 anos de vida, poderia ter cumprido o programa nacionalista na formação de uma das mais fortes elites culturais da nação: a universitária. Sem querer entrar em linha de colisão com o ponto de partida da reflexão de António José Saraiva, no prólogo do I vol. de *Para a História da Cultura em*

universidade à província: “[...] O curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa reconhecidamente agradece a V. Ex.^a a gentileza incomparável da hospitalidade e a lição de bom gosto, galantaria e graça que hontem nos deu e pede licença para apresentar os seus respeitos a sua Exm.^a espôsa.”

⁶ Vd. vol XIII das *Cartas [...]*, BML, pedido feito em 1 de junho de 1940 por Moraes Sarmiento, sendo a sessão solene em 8 de julho de 1940.

⁷ Vd. vol. XIII das *Cartas [...]*, BML, proposta enviada por Moraes Sarmiento em 30 de setembro de 1941.

Portugal, de 1946, com a controversa tese de que o problema da cultura em Portugal tem sobretudo a ver com a ausência de uma elite universitária, dito de outro modo, que “O universitário não constitui a *élite*.” (Saraiva, 1980: 9), esta apreciação visa inscrever a prática literária de Lopes Vieira no sistema institucional com capacidade para tornar permeável ao futuro a poesia e a poética do escritor. Um caminho que consistiria em aceitar como prioritárias certas características pedagógicas, formativas e de divulgação que temos vindo a destacar na produção de Lopes Vieira.

No entanto, o esteta de si mesmo fugiu sempre a um certo formalismo disciplinador, que implicava o cumprimento estrito de um horário, com o qual o seu estatuto de intelectual livre e o seu temperamento de aristocrata sensível sempre confessou dar-se mal⁸. Provavelmente uma demonstração de incapacidade para ser um membro da elite representante das ‘massas’ (*idem*: 9), e daí o orgulho em se manter isolado, quer da elite quer das massas, numa posição de ensimesmamento, que alguma da geração dos novos críticos marxistas não poderá entender se não sob a forma metafórica e cruel dos ‘turistas’ que “disfruta[m] o Inferno de bordo dos seus confortáveis barcos.” (*idem*: 56).

Referências Bibliográficas

Espólio da Biblioteca Municipal de Leiria: BML, *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira*, vol. VIII, carta de Mendes dos Remédios; vol. IX, cartas de José Maria Rodrigues; vol. XI, carta de Agostinho de Campos; vol. XIII, cartas de José Maria Rodrigues, João Pereira Dias, Moraes Sarmento e Mário de Albuquerque; vol. XIV, cartas de Providência e Costa.

Espólio da Biblioteca Nacional de Portugal: BNP [esp. E7/1969-1998], Conjunto de 23 postais, 1 cartão de visita, 1 bilhete, 3 cartas, 1 carta de pêsames, de Afonso Lopes Vieira para Raul Proença.

NOBRE, Cristina, (2005) *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SARAIVA, António José, (1980) *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. I, Liv. Bertrand, Amadora, 5.^a ed.

⁸ Em postal para Raul Proença, datado de 25 de agosto de 1926, Lopes Vieira desculpa-se dos compromissos para o III vol. do “Guia de Portugal”, alegando o seu horror a colaborações movidas pela prensa: “[...] Qt.º ao vol. III do *Guia* não posso comprometer-me desde já. Distribua pois as matérias com plena liberdade. A impressão geral de Coimbra escrevê-la hia se não houvesse prensa — o q. me põe logo estúpido, de maneira q. não posso fazer isso, q. tanto me agradaria tentar. [...]” (BNP., esp. E7 / 1969).